

## A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE PROVÉRBIOS 22.6

*Daniel Santos Jr.\**

### RESUMO

O objetivo deste artigo é entender a proposta pedagógica implícita em Provérbios 22.6, propondo uma leitura que seja condizente com o propósito original do livro de Provérbios no contexto literário do Antigo Oriente Próximo (doravante AOP). Em termos gerais, a proposta comumente articulada em nossos dias é de que o processo de transmitir o conhecimento que promove e fomenta uma cosmovisão cristã deve começar na tenra idade. Quando isto acontece, o resultado esperado é que tal cosmovisão, fruto do conhecimento bíblico que foi transmitido e aplicado na vida da criança, possa acompanhá-la pelo resto de seus dias. A proposta de uma nova leitura deste provérbio atenta para três aspectos que devem ser ainda mais explorados pelos educadores cristãos. São eles: a) o conceito de “ensinar” em Provérbios e no AOP, b) a definição do “caminho” em que se deve andar, e finalmente c) as aplicações e implicações de se “desviar” deste caminho. A contribuição inicial do artigo se restringe às inferências exegético-teológicas que são feitas na utilização deste provérbio, ainda que tais inferências possam trazer contribuições e desafios em outras áreas.

### PALAVRAS-CHAVE

Literatura sapiencial; Livro de Provérbios; Provérbios 22.6.

### INTRODUÇÃO

A tarefa de instruir a próxima geração nos caminhos da sabedoria enfrenta seus percalços desde os primórdios da civilização. A sabedoria proposta em

---

\* O autor tem doutorado em Estudos Teológicos do Antigo Testamento (Ph.D.) pela Trinity Evangelical Divinity School (EUA). É professor de Antigo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

Provérbios 22.6 aborda diretamente este dilema milenar de *repassar o legado de uma geração àquela que se segue*. Talvez um bom exemplo deste dilema seja o diálogo abaixo, o qual aparece no final da obra egípcia *As Instruções de Any*, datada do período da 18ª dinastia do Egito. No diálogo, o escriba Any lida com a contestação de seu filho Khonshotep, também um escriba, resistindo à idéia de abraçar de todo coração o legado cultural da geração de seu pai. Khonshotep argumenta que o legado que seu pai deseja lhe passar está comprometido por duas razões: a) cada homem é guiado por sua própria natureza, e b) um jovem não segue instruções morais, mesmo que tais instruções estejam na ponta de sua língua.

Respondeu Khonshotep ao seu pai, o escriba Any:

Eu gostaria de ser como tu és,  
tão versado como tu és!  
Então eu seria capaz de perpetuar teus ensinamentos,  
e, assim, o filho seria trazido ao lugar de seu pai.  
Contudo, *cada homem é conduzido por sua natureza*,  
tu és um homem que é um mestre,  
cujo labor é exaltado,  
cujas palavras são individualmente escolhidas.  
Teu filho, ele entende muito pouco,  
quando ele recita as palavras que estão nos livros.  
Mas quando tuas palavras agradam o coração,  
o coração tende a aceitá-las com alegria.  
Portanto, não se multipliquem demais as tuas virtudes,  
ao ponto de termos que elevar nossos pensamentos a ti;  
*um jovem não segue as instruções morais*,  
nem que os escritos estejam na sua língua!<sup>1</sup>

Todavia, segundo a proposta pedagógica de Any, se um boi, um cavalo ou um leão consegue obedecer à palavra de seu adestrador, por que seu filho não conseguiria?

Respondeu Any ao seu filho Khonshotep:

Não te estribes nestas palavras indignas,  
cuidado com o que estás fazendo a ti mesmo!  
Eu julgo tuas reclamações equivocadas,  
e eu vou esclarecer cada uma delas.  
Não há nada de supérfluo em nossas palavras,  
as quais tu gostarias fossem reduzidas.  
O touro de briga que é capaz de matar,  
ele se esquece e abandona a arena;

<sup>1</sup> LICHTHEIM, M. Instruction of Any. In: HALLO, W. W.; YOUNGER, K. L. (Orgs.). *The Context of Scripture: Monumental Inscriptions from the Biblical World*. Leiden: Brill, 2001. p. 114.

ele domina sua natureza, ele se lembra do que aprendeu  
 e se torna à semelhança de um boi cevado.  
 O leão selvagem abandona sua ira,  
 E se torna à semelhança de um tímido jumento.  
 O cavalo entra debaixo de sua sela  
 e sai obediente pela rua.  
 O cachorro obedece à palavra e anda após o seu mestre. [...]²

Para Khonshotep, essa transferência de sabedoria de uma geração para outra não é tão simples assim. Ele confessa não ser “versado” como seu pai, o que compromete a sua capacidade de memorizar, entender e aplicar todo este material com a mesma propriedade com que seu pai o faz: “Tu és um homem que és mestre... teu filho entende muito pouco”. Diante do impasse, a solução proposta pelo filho é o ponto mais importante nesta citação – suplicar ao deus do pai (Any) que coloque o filho nos mesmos caminhos.

Respondeu Khonshotep ao seu pai, o escriba Any:  
 Não proclame teus poderes,  
 Tentando forçar-me em teus caminhos; [...]  
 Todos os teus dizeres são excelentes,  
 mas para cumpri-los é necessário virtude,  
*portanto, pede ao deus que te deu sabedoria:*  
*que estabeleça-os em teu caminho!*³

Como as Escrituras responderiam ao dilema de Any? Qual seria a proposta do autor de Provérbios para o desafio enfrentado por Khonshotep em dar continuidade ao legado de seu pai? A tese defendida neste artigo é que o autor de Provérbios, especificamente em Pv 22.6, enfrenta e propõe uma solução para este dilema enfrentado por Any e seu filho. Isto pode ser observado especialmente pelo uso freqüente da abordagem “filho meu, ouve...” que costura o discurso no livro. Contudo, para entendermos com nitidez a solução proposta pelo livro, precisa ser estabelecido um perfil literário-cultural-religioso. O “uso” bem como o “abuso” praticado contra a tradição sapiencial de Provérbios só podem ser devidamente apreciados quando somos lembrados de suas peculiaridades originais.

## 1. QUEM ESCREVEU PROVÉRBIOS?

A pesquisa acadêmica do século passado rejeitou em grande parte a reivindicação bíblica da autoria salomônica e considerou Salomão mais como “uma figura com a qual se pudesse associar a literatura sapiencial”.⁴ Crenshaw

² Ibid.

³ Ibid., p. 115.

⁴ CLEMENTS, R. E. *Wisdom in Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992. p. 19.

comenta que, “como o rei mais rico na memória de Israel, Salomão naturalmente deve ter atraído idéias que o associassem com uma sabedoria extraordinária,” e Clements acredita que o deuteronomista inventou esta história para melhorar o máximo possível a imagem questionável de Salomão.<sup>5</sup> Mas mesmo Crenshaw admite que uma explicação satisfatória para a proeminência do nome de Salomão ainda não apareceu.<sup>6</sup> André Lamaire argumenta que “o retrato do reino de Salomão e de sua sabedoria, conforme descritos em 1Rs 3-9, parece se conformar de maneira geral com a ideologia real do AOP do primeiro milênio a.C.”<sup>7</sup> Os estudiosos do Antigo Testamento que estão dispostos a aceitar a autoria salomônica situam a época e o contexto social de Provérbios utilizando apenas a crítica da forma, o que implica na utilização de literatura do AOP.<sup>8</sup>

Contudo, em duas seções específicas no livro de Provérbios a autoria da obra é atribuída a Salomão (1.1; 10.1), enquanto que em outros trechos a responsabilidade autoral e/ou redatorial recai sobre Agur (30.1), o rei Lemuel (31.1) e uma equipe redatorial da época de Ezequias (25.1). Esta situação cria imediatamente o cenário de uma obra editada, contendo uma participação predominante de Salomão (capítulos 1-29), o que não parece destoar da reivindicação do autor do 1º Livro dos Reis de que ele tenha composto 3 mil provérbios (1Rs 4.32 [5.12 TM]).

## 2. O MUNDO CULTURAL DE PROVÉRBIOS

Embora sejamos inconscientemente tentados a uma *aplicação direta* de Provérbios para o contexto hodierno, como se o autor tivesse escrito o livro para a sociedade brasileira dos últimos cinquenta anos, tal prática

<sup>5</sup> CRENSHAW, J. L. Proverbs. In: *Anchor Bible Dictionary*. Vol. 5. p. 514; CLEMENTS, R. E. Solomon and the Origins of Wisdom in Israel, In: *Perspectives in Religious Studies 15* (1988): p. 23-36.

<sup>6</sup> CRENSHAW, Proverbs, p. 513.

<sup>7</sup> LAMAIRE, A. Wisdom in Solomonic Historiography. In: *Wisdom in Ancient Israel*, p. 106-118.

<sup>8</sup> Uma análise muito útil da forma da literatura sapiencial é encontrada em MURPHY, R. E. *Wisdom Literature: Job, Proverbs, Ruth, Canticles, Ecclesiastes, and Esther*. In: *Forms of Old Testament Literature* 13. Grand Rapids: Eerdmans, 1981. Recomendo as seguintes introduções à literatura sapiencial: KIDNER, D. *Uma introdução à literatura sapiencial: a sabedoria de Provérbios, Jó e Ecclesiastes*. Downers Grove, Ill., Leicester: InterVarsity, 1985; WEEKS, S. *Early Israelite Wisdom*. Oxford: Clarendon, 1994. Uma boa antologia sobre o assunto é EMERTON, J. A.; DAY, J. GORDON, R. P.; WILLIAMSON, H. G. M. (Orgs.). *Wisdom in Ancient Israel*. Cambridge University Press, 1995; BERGANT, D. *What are They Saying about Wisdom Literature?* New York: Paulist, 1984. Para uma história da tradição sapiencial, ver MORGAN, D. F. *Wisdom in the Old Testament Traditions*. Atlanta: John Knox, 1981. Para um foco em cada um dos livros sapienciais, ver CRENSHAW, J. L. *Old Testament Wisdom: An Introduction*. Atlanta: John Knox, 1981; MURPHY, R. E. *The Tree of Life: An Exploration of Biblical Wisdom Literature*. In: ABRL. New York and London: Doubleday, 1990; 2d ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1996. Três outras antologias escritas sob forte influência da crítica histórica são: CRENSHAW, J. L. (Org.). *Studies in Ancient Israelite Wisdom: Selected, with a Prolegomenon*. New York: Ktav, 1976; GAMMIE, J. G. (Org.). *Israelite Wisdom: Theological and Literary Essays in Honor of Samuel Terrien*. New York: Scholars Press, 1978; GAMMIE, J. G.; PERDUE, L. G. (orgs.). *The Sage in Israel and the Ancient Near East*. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1990.

pode revelar-se temerária, exegeticamente falando. O fato é que não se pode negar nem esconder o grande abismo cultural entre o mundo de Provérbios e a sociedade brasileira sem que, com isso, comprometamos nosso próprio entendimento do texto. Este abismo cultural, por sua vez, se deve ao fato de não sermos uma sociedade que pratica o modo de *manutenção* da cultura por meio de formulações proverbiais do tipo encontrado na literatura sapiencial. Diante disto, a pergunta que se impõe é a seguinte: Como nós, no século 21, podemos ler, entender e interpretar a literatura sapiencial contida em Provérbios? Como repassar este conhecimento de geração a geração? Considerando que não conseguimos memorizar os provérbios a fim de termos sempre a “resposta certa”; considerando que não conseguimos dar-lhes o glamoroso viés doutrinário que possibilitaria sincronizá-los com nossa tradição teológica; considerando que não conseguimos sistematizá-los teologicamente com o restante das Escrituras, com facilidade; e considerando que não conseguimos “exegetizá-los” com o método histórico-gramatical, a pergunta inicial se impõe – Como adquirir o arcabouço cultural para ler Provérbios?

A tarefa de desbravar o mundo cultural de Provérbios é uma obra premente e urgente; e os que decidirem encará-la devem atentar para os seguintes pontos de interesse, manifestados na literatura sapiencial, como um todo.

### 2.1 *Provérbios e a corte*

O primeiro elemento cultural que está latente na tradição sapiencial de Provérbios é a sua conexão com o contexto real e palaciano. A idéia de um contexto associado à corte nasce das referências aos reis descritos como responsáveis por determinadas seções no livro: “Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel” (1.1), “Palavras do rei Lemuel” (31.1) e “os provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá” (25.1). Nestes três exemplos a atividade de codificar a sabedoria em forma proverbial está relacionada ao contexto real, seja por atuação direta do rei em questão (como é o caso de Salomão) ou por responsabilidade delegada (no caso dos homens de Ezequias). Há nada menos que 20 provérbios em que a palavra “rei” é parte fundamental da sabedoria proposta.<sup>9</sup> Nestes provérbios o sábio discursa sobre o caráter do rei, a natureza de suas decisões como rei e a maneira como devemos

<sup>9</sup> Ver Pv 14.28: “Na multidão do povo, está a glória do rei”; 14.35: “O servo prudente goza do favor do rei”; 16.10: “Nos lábios do rei se acham decisões autorizadas”; 16.13: “Os lábios justos são o contentamento do rei”; 16.14: “O furor do rei são uns mensageiros de morte”; 16.15: “O semblante alegre do rei significa vida”; 19.12: “Como o bramido do leão, assim é a indignação do rei”; 20.2: “Como o bramido do leão, é o terror do rei”; 20.8: “Assentando-se o rei no trono do juízo”; 20.26: “O rei sábio joieira os perversos”; 20.28: “Amor e fidelidade preservam o rei”; 21.1: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei”; 22.11: “O que ama a pureza do coração e é grácil no falar terá por amigo o rei”; 24.21: “Teme ao SENHOR, filho meu, e ao rei”; 25.5: “tira o perverso da presença do rei...”; 25.6: “Não te glories na presença do rei...”; 29.4: “O rei justo sustém a terra...”; 29.14: “O rei que julga os pobres com equidade firmará o seu trono para sempre”; 30.22: “sob o servo quando se torna rei...”.

nos portar diante dele. Por causa desta associação poder-se-ia imaginar que o conteúdo do livro de Provérbios fosse destinado primariamente para instruir, delinear e acompanhar decisões administrativas que demandavam uma *sabedoria adicional*. Sem dúvida, alguns destes provérbios em que o elemento real está presente oferecem advertências para inúmeros equívocos que poderiam ser evitados pelos reis de Israel e de Judá.

Nem todos os estudiosos concordam com a necessidade de tornar o escopo da literatura sapiencial de Provérbios tão específico a ponto de incluir somente o contexto palaciano, mas o elemento cultural não precisa se tornar um princípio regulador do contexto do livro. Neste sentido, a ressalva de Fox nos lembra que “os dizeres em questão não falam somente *acerca* dos reis, mas *aos* reis e *por causa* deles”.<sup>10</sup> Assim sendo, muito daquilo que foi formulado e aplicado a um contexto palaciano pode também encontrar sua aplicabilidade em várias outras situações. Gerard von Rad, por exemplo, entende que uma nova classe de escribas em Israel produziu uma obra no período que ele chama de *Iluminismo Salomônico*, devido ao contato que Salomão teve com o Egito.<sup>11</sup> Mesmo se este for o caso, a palavra de Fox permanece. A sabedoria proverbial não discursa a respeito da “classe” responsável por sua composição, mas confronta e admoesta tal classe de maneira que os princípios básicos possam ser igualmente válidos para outros contextos.

Enfim, a questão da presença do elemento real no contexto cultural de Provérbios não pode simplesmente ser ignorada, e isto por uma razão muito óbvia: Provérbios não foi formulado nem pela tradição profética de Israel nem pela sacerdotal, mas por um rei. Assim sendo, não devemos nos surpreender ou menosprezar a presença de elementos culturais palacianos na estrutura sapiencial de Provérbios. Pelo contrário, este elemento deveria servir como um sinalizador para entendermos a utilização original que era feita deste material dentro da sociedade israelita.

## 2.2 *Provérbios e o povo*

O segundo elemento que compõe o mundo cultural de Provérbios é a sua dependência temática de figuras populares. A presença deste segundo elemento parece balancear e compor a aplicabilidade da literatura sapiencial. Murphy atribui um grande número de dizeres proverbiais aos relacionamentos sociais ordinários.<sup>12</sup> Uma quantidade enorme de instruções proverbiais lida diretamente

<sup>10</sup> FOX, M. V. The Social Location of the Book of Proverbs. In: *Texts, Temples, and Traditions: A Tribute to Menahem Haran*. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1996. p. 235.

<sup>11</sup> VON RAD, G. The Beginnings of Historical Writing in Ancient Israel. In: *The Problem of the Hexateuch and Other Essays*. New York: McGraw-Hill; Edinburgh and London: Oliver & Boyd, 1966. p. 166-204.

<sup>12</sup> MURPHY, R. E. Assumptions and Problems in the Old Testament Wisdom Research. *Catholic Bulletin Quarterly*, v. 29 (1967), p. 106.

com necessidades agrárias, rurais e também num contexto doméstico, em vez de administrativo. Mais uma vez, é oportuno lembrar que a presença deste elemento popular na estrutura proverbial não é acidental, mas indispensável para a comparação feita no provérbio. Uma quantidade considerável destas comparações pressupõe que o leitor tivesse uma familiaridade prévia com os usos e costumes da vida rural no AOP, a fim de que a comparação pudesse alcançar o propósito desejado.

É verdade que muitos são tentados a escolher entre o elemento popular e o real em lugar de compor e ampliar ambos. Contudo, a dependência temática que Provérbios tem de aspectos básicos e populares da vida humana torna a literatura sapiencial ainda mais aplicável e relevante para o cidadão comum, e não apenas para aqueles que vivem no contexto palaciano.

### 2.3 *Provérbios e o lar*

O terceiro elemento que compõe o mundo cultural de Provérbios tem a ver com sua relação estreita com a dinâmica domiciliar. Uma indicação clara disto pode ser observada na maneira em que as admoestações no livro são feitas; elas são dos pais para seus filhos e não de patrão para subordinado, ou de um rei para seus vassalos. Whybray e Fox são cautelosos no uso deste elemento domiciliar, cuidando sempre para que o lar não seja reduzido a uma escola, ainda que Murphy defenda que “a casa talvez possa ser considerada o contexto original dos ensinamentos sapienciais, antes e depois que tais ensinamentos se tornaram profissionalizados”.<sup>13</sup> Waltke afirma que as muitas referências ao pai, e especialmente à mãe, se dirigindo aos seus filhos (1.8; 10.1, etc.), sugerem que Salomão pretendia transmitir sua sabedoria a Israel através do lar, da mesma maneira como Moisés disseminou a Lei através dos pais, em Israel (cf. Dt 6.7-9).<sup>14</sup> Fox identifica uma forte analogia entre a tradição sapiencial de Israel e os chamados *testamentos éticos* das comunidades judaicas do período medieval:

Testamentos éticos são instruções escritas por homens em sua maturidade para a orientação ético-religiosa de seus filhos e, às vezes, filhas. (Estes textos são, na verdade, descendentes da antiga tradição sapiencial, uma vez que eles utilizam provérbios como modelo.) ...O pai fala ao filho e através dele a um público leitor bem mais amplo.<sup>15</sup>

Provavelmente seja este o contexto que mais explique os elementos domiciliares de Provérbios.

<sup>13</sup> WHYBRAY, *Intellectual Tradition*, p. 41-43; FOX, *Social Location*, p. 230-232; MURPHY, *Tree of Life*, p. 4.

<sup>14</sup> WALTKE, B. K. *Wisdom Literature*. In: BAKER, D.; ARNOLD, B. T. (Orgs.). *Faces of the Old Testament Study: A Survey of Contemporary Approaches*. Grand Rapids: Baker, 1999. p. 308.

<sup>15</sup> FOX, *Social Location*, p. 232.

## 2.4 O elemento intercultural de Provérbios

O quarto elemento que compõe o mundo cultural de Provérbios é o seu caráter internacional. Isto significa dizer que a literatura sapiencial, em geral, não parece ter sido escrita para leitura e uso específico, dentro da sociedade israelita, haja vista a ausência de qualquer referência direta à Lei, à aliança no Sinai, aos patriarcas, aos profetas, aos livros históricos ou até mesmo ao livro de Salmos. O que justificaria esta posição aparentemente neutra apresentada em Provérbios?

O estudo da literatura sapiencial no mundo antigo tem mostrado que coleções de provérbios existiram no Egito desde o Império Antigo (2686-2160 a.C.) até o último período dinástico e o domínio helenista (500-300 a.C.);<sup>16</sup> em Ebla (2400 a.C.);<sup>17</sup> na Suméria (1700 a.C.);<sup>18</sup> na Mesopotâmia, desde o período Cassita (1500-1200 a.C.) e nos períodos Médio Assírio<sup>19</sup> e Aramaico (704-699 a. C.).<sup>20</sup> Além disso, temos ainda alguns provérbios ou dizeres que foram encontrados em Mari e nas Cartas de Amarna (1350 a.C.).<sup>21</sup> Todas estas descobertas acabam colocando Provérbios não à margem da cultura literária daquela época, mas em pleno diálogo com ela.

Sem dúvida, uma das similaridades mais intrigantes acontece entre Provérbios e as coleções egípcias, especialmente a de Amenemope, que os estudiosos concordam em datar no final da 21ª dinastia (1070-945 a.C., mais ou menos contemporânea de Salomão),<sup>22</sup> mesmo que a natureza desta similaridade ainda seja bastante debatida.<sup>23</sup>

<sup>16</sup> Ver, por exemplo, RAY, J. D. *Egyptian Wisdom Literature*. In: *Wisdom in Ancient Israel*, p. 17-29.

<sup>17</sup> PETTINATO, G. *The Archives of Ebla: An Empire Inscribed in Clay*. Garden City, NY: Doubleday, 1981. p. 47, 238.

<sup>18</sup> GORDON, E. I. *Sumerian Proverbs: Glimpses of Everyday Life in Ancient Mesopotamia*. New York: Greenwood, 1968. p. 24-152.

<sup>19</sup> LAMBERT, W. G. *Babylonian Wisdom Literature*, 3rd ed. Oxford: Clarendon, 1975; reprinted, Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1996. p. 92, 97, 222. Para a literatura sapiencial babilônica relacionada aos livros de Jó e Eclesiastes, ver Idem, *Some New Babylonian Wisdom Literature*. In: *Wisdom in Ancient Israel*, p. 30-42.

<sup>20</sup> LINDENBERGER, J. M. *The Aramaic Proverbs of Ahiqar*. Ph.D. dissertation, Johns Hopkins University, 1974; Idem, *The Aramaic Proverbs of Ahiqar*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983; GREENFIELD, J. C. *The Wisdom of Ahiqar*. In: *Wisdom in Ancient Israel*. p. 42-52.

<sup>21</sup> Ver respectivamente MARZAL, A. *Gleanings from the Wisdom of Mari*. Rome: Pontifical Biblical Institute, 1976; ALBRIGHT, W. F. *Some Canaanite-Phoenician Sources of Hebrew Wisdom*. In: NOTH, M.; THOMAS, D. W. *Wisdom in Israel and in the Ancient Near East*, presented to H. H. Rowley. Leiden: Brill, 1960. p. 1-15. (*Vetus Testamentum Supplement* 3).

<sup>22</sup> CURRID, J. *Ancient Egypt and the Old Testament*. Grand Rapids: Baker, 1997. p. 209.

<sup>23</sup> WHYBRAY, *Book of Proverbs*, p. 6-14; OVERLAND, P. *Structure in the Wisdom of Amenemope and Proverbs*. In: COLESON, J. E.; MATTHEWS, V. H. (Orgs.). *Go to the Land I will Show You: Studies in Honor of Dwight W. Young*. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1996, p. 275-291.

Todas estas descobertas servem para nos alertar sobre a importância de ler a literatura sapiencial encontrada em Provérbios à luz do contexto literário, cultural e, acima de tudo, teológico, em que o livro estava inserido. A literatura sapiencial é a interface pela qual o Deus de Israel se fazia conhecido entre as nações. Foi esta a janela cultural que permitiu, por exemplo, à rainha de Sabá ouvir a respeito do Deus de Israel em sua própria terra, culminando com sua peregrinação a Jerusalém, onde teve a oportunidade de dizer ao próprio Salomão o que segue:

Foi verdade a palavra que a teu respeito ouvi na minha terra e *a respeito da tua sabedoria*. Eu, contudo, não cria naquelas palavras, até que vim e vi com os meus próprios olhos. Eis que não me contaram a metade: sobrepujas *em sabedoria* e prosperidade a fama que ouvi. Felizes os teus homens, felizes estes teus servos, que estão sempre diante de ti e que ouvem a tua sabedoria! Bendito seja o SENHOR, teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no trono de Israel; é porque o SENHOR ama a Israel para sempre, que te constituiu rei, para executares juízo e justiça (1 Rs 10.6-9).

O próprio livro de Provérbios contém contribuições de prosélitos que possivelmente foram alcançados e transformados pelo Deus de Israel através da literatura sapiencial, tais como o rei Lemuel (Pv 31.1), de Massá, e Agur, também do mesmo local, identificado como Massá (Pv 30.1). Deve-se observar, então, que a literatura sapiencial encontrada nas Escrituras é um cardápio destinado à humanidade em geral, contendo uma amostragem da sabedoria e da supremacia do Deus de Israel. Não foi este um dos propósitos originais da lei dada a Israel?

Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será *a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos* que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente. Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho? (Dt 4.6-8).

Segue-se, então, que a proposta evangelística do Antigo Testamento não é a de “exportar sabedoria” aos povos, mas sim a de “ser sábio” aos olhos deles. O elemento internacional de Provérbios torna manifesta exatamente esta prática de testemunho da fé que Israel possuía. Neste sentido, pode-se entender a peregrinação da rainha de Sabá como um cumprimento histórico deste propósito estabelecido em Deuteronômio.

### **2.5 Provérbios e a individualidade humana**

O último e, talvez, mais importante elemento que compõe o mundo cultural de Provérbios é a maneira como a sabedoria proposta no livro é *personi-*

*ficada*. Provérbios 2 e 8 são testemunhos desta estratégia literária do Deus de Israel. A sabedoria é apresentada ao leitor como *alguém* e não como *algo*.

Não clama, porventura, a Sabedoria, e o Entendimento não faz ouvir a sua voz?

No cimo das alturas, junto ao caminho, nas encruzilhadas das veredas ela se coloca;

junto às portas, à entrada da cidade, à entrada das portas está gritando:

A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens.

Entendei, ó simples, a prudência; e vós, néscios, entendei a sabedoria.

Ouvi, pois falarei coisas excelentes; os meus lábios proferirão coisas retas (Pv 8.1-6).

Ainda no mesmo contexto, esta sabedoria personificada comenta aspectos da sua identidade que a colocam fora do eixo da existência humana iniciado no ato da criação.

Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra. Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci. Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões, nem sequer o princípio do pó do mundo. Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo; quando firmava as nuvens de cima; quando estabelecia as fontes do abismo; quando compunha os fundamentos da terra; então, eu estava com ele e era seu arquiteto, dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo (Pv 8.23-30).

Considerando que o Novo Testamento se refere a Cristo como sendo *a sabedoria de Deus* (1Co 1.20, 30) e como a *sabedoria pré-ordenada desde a eternidade* e manifestada pelo Espírito (1Co 2.6-10), fica evidente que a característica internacional de Provérbios não tinha o propósito de diluir a mensagem das Escrituras para deixá-la mais palatável ao apetite das nações. Mesmo que os demais elementos da religião de Israel tivessem sido filtrados na abordagem internacional, a presença pessoal da sabedoria de Deus continua falando em todo o livro, e aqueles que a encontram, afirma Pv 8.35, encontram a vida.

Portanto, longe de ser definida como uma *descaracterização* de toda a revelação contida no Antigo Testamento, a literatura sapiencial do tipo encontrado em Provérbios é, na verdade, a *personificação* daquilo que é mais importante.

### 3. UMA PROPOSTA DE LEITURA DE PROVÉRBIOS 22.6

A história da igreja cristã e, por conseguinte, a história da igreja evangélica brasileira, é marcada pelo uso de Pv 22.6 como o moto da educação cristã, e isto

se deve a diversos fatores. Primeiro, pelas palavras contidas no texto: “ensina”, “criança”, “andar” e principalmente “não se desviará”. Estes termos aglutinam bem o interesse de educadores cristãos em promover uma educação que seja cristã e, sobretudo, eficaz no desenvolvimento da criança. Segundo, Pv 22.6 é usado com frequência no contexto de escolas confessionais, por causa da aparente garantia e esperança comunicadas pela expressão “não se desviará”. As escolas e materiais didáticos que se utilizam deste provérbio-moto parecem entender a mensagem deste texto como uma justificativa para o trabalho árduo de educação dos nossos filhos. Nas escolas evangélicas, especialmente, a expressão “não se desviará dele” está comumente relacionada a “não se desviar do evangelho”, já que a educação proporcionada por estas escolas pressupõe corretamente a importância da cosmovisão cristã na formação do aluno.

Considerando este breve histórico de como o texto tem sido geralmente interpretado, propomos abaixo uma leitura de Provérbios 22.6 e, em seguida, as justificativas para tal leitura.

[Leitura proposta]

*Consagra o jovem no princípio de seu caminho  
para que, nem quando velho, ele seja persuadido a desistir dele.*

[Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição]

*Ensina a criança no caminho em que deve andar,  
e, ainda quando for velho, não se desviará dele.*

### 3.1 O significado de “ensinar”

A palavra *ensinar*, no contexto de Provérbios e no contexto do AOP, conseguia aglutinar diversos aspectos que não são mais associados com o ato de ensinar em nossos dias. O propósito desta seção é entender o que exatamente o termo hebraico, aqui traduzido como “ensinar”, estaria querendo comunicar. Essa palavra é a tradução do termo hebraico *hanak*,<sup>24</sup> cujas possibilidades de tradução incluem “treinar”, “dedicar” ou “consagrar”.<sup>25</sup> Existem pelo menos três variáveis que determinam nosso entendimento daquilo que “ensinar” significa em Provérbios e na sociedade israelita daquele período.

A primeira variável que deve ser considerada é a opção pelo termo *hanak* em lugar da nomenclatura comumente associada com o ato de ensinar. Por exemplo, em Pv 9.9 (... *ensina* ao justo, e ele crescerá em prudência), o termo hebraico utilizado não é *hanak*, mas *yada*,<sup>26</sup> que é o termo mais comum (34

<sup>24</sup> חָנַךְ

<sup>25</sup> KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Brill, 2001. p. 334. Comparar com BOSMAN, H. *hanak*. In: VANGEMEREN, W. A. (Org.). *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. Grand Rapids: Zondervan, 1997.

<sup>26</sup> יָדַע

vezes)<sup>27</sup> para a tarefa que comumente associamos com o ato de ensinar. Aliás, a única ocorrência de *hanak* em Provérbios é a de 22.6. Em Pv 4.4 (“No caminho da sabedoria te *ensinei* e pelas veredas da retidão te fiz andar”), onde o cenário parece indicar mais propriamente aquilo que costumeiramente associamos com o ato de ensinar, o termo hebraico também não é *hanak*, mas *yarah*.<sup>28</sup> Ora, *yarah* significa literalmente “arremessar” ou “atirar” (geralmente “atirar uma flecha”),<sup>29</sup> mas neste uso em particular, onde o cenário indica que o sentido literal não é adequado, algum outro significado deve estar sendo comunicado em lugar do sentido básico da palavra. De igual modo, ao usar o termo *hanak* o autor deste provérbio parece estar indicando algo mais específico do que a conhecida ação de ensinar, a qual poderia ter sido referida por meio da expressão *yarah*, por exemplo. O que de mais específico o autor estaria querendo apontar?

A expressão cognata de *hanak* em árabe refere-se ao ato de esfregar o palato de uma criança com tâmaras esmagadas ou o palato de um recém-nascido com algum tipo de óleo antes que ele mamasse pela primeira vez.<sup>30</sup> Neste uso da palavra, parece que a idéia de “dedicação” ou até mesmo “iniciação” estabelece os parâmetros do significado. É pertinente ainda ressaltar que cinco ocorrências de *hanak* fora do livro de Provérbios estão relacionadas com a dedicação de um edifício, como uma casa (Dt 20.5) ou um templo (1Rs 8.63).<sup>31</sup> De acordo com Dt 20.5, por exemplo, qualquer que tivesse construído uma nova residência e não tivesse tido ainda a oportunidade dedicá-la (“estrear-la”), estava dispensado do serviço militar. Se seguirmos este exemplo, o uso da expressão *hanak* em Pv 22.6 estaria apontando para algo específico relacionado com o processo cerimonial de iniciação ou consagração. No caso de 1Rs 8.63, o sentido é obviamente o de dedicação cerimonial de um edifício construído para um determinado fim, o que diz respeito ao templo de Salomão.<sup>32</sup> Mas a consagração sugerida em nosso texto tem a ver com a consagração de um indivíduo e, por esta razão, aponta para o processo sublime de simbolicamente lembrarmos nossos filhos da sua vocação como seres humanos criados em aliança com o

<sup>27</sup> Provérbios 1.2, 23; 3.6; 4.1, 19; 5.6; 7.23; 9.9, 13, 18; 10.9, 32; 12.10, 16; 14.7, 10, 33; 17.27; 22.19, 21; 23.35; 24.12, 14, 22; 27.1, 23; 28.2, 22; 29.7; 30.3s, 18; 31.23.

<sup>28</sup> Esse termo, ירה, aparece 4 vezes em Provérbios (4.4; 11; 6.13; 26.18), mas somente em duas destas ocorrências o significado está relacionado com ensinar.

<sup>29</sup> KOEHLER e BAUMGARTNER, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. 463.

<sup>30</sup> BROWN, F., DRIVER, S. R., BRIGGS, C. A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1951. p. 335.

<sup>31</sup> NAUDÉ, J. A. חנך, em *New International Dictionary of the Old Testament Theology and Exegesis*. Grand Rapids: Zondervan, 1997. p. 201.

<sup>32</sup> MURPHY, R. E. *Proverbs*. Waco: Thomas Nelson, 1998 (Word Biblical Commentary 22); reconhece a possibilidade de traduzir como “dedicar” ou “consagrar”, mas opta por “treinar”, p. 164.

seu Criador. No contexto de Provérbios é precisamente esta vocação original que não pode sucumbir ante as “lisonjas da mulher adúltera”.

### 3.2 O significado de “caminho”

A segunda variável a ser levada em consideração é o objeto do verbo *hanak*: “ensina no caminho”. Mais adiante trataremos do significado de *caminho* em Provérbios. Neste ponto destacamos apenas um detalhe da expressão hebraica que está sendo traduzida neste texto como *caminho*. A expressão é “boca do seu caminho”<sup>33</sup> e não simplesmente “caminho”. Seja qual for o significado de “boca do caminho” o pronome possessivo indica que o “caminho é da criança”.<sup>34</sup> Esta peculiaridade traz problemas para a afirmação de que este caminho seja o caminho desejado pelos pais, ou até mesmo o caminho do Senhor, pois o texto afirma que o caminho é dela (i.e., da criança). É possível que um jogo de palavras entre o sentido de *hanak*, relacionado com o ato de esfregar o “céu da boca” de uma criança, com a expressão “boca do caminho”, esteja acontecendo neste texto. Embora não tenhamos nenhum outro exemplo do uso desta expressão em Provérbios e em nenhum outro lugar no cânon, parece óbvio que tanto o substantivo “boca” quanto o possessivo “seu” precisam ser levados em consideração quando o sentido de ensinar está sendo discutido. Em outras palavras, quando eu admito que caminho significa “os caminhos do Senhor” fica bem mais fácil entender e explicar o significado de “ensinar”, mas quando entendemos corretamente que caminho significa “o caminho da criança”, a definição de “ensinar” assume uma dimensão totalmente diferente.

### 3.3 O significado de “criança”

A terceira variável a ser levada em consideração é a pessoa que está sendo ensinada, treinada ou consagrada: “Ensina a criança na boca do seu caminho”. Até aqui temos mantido a tradução adotada pela ARA<sup>35</sup> que opta pela palavra “criança”. A palavra hebraica traduzida neste texto como criança é *naar*,<sup>36</sup> cuja lista de possíveis significados pode incluir “criança” além de “adolescente”, “jovem”, “servo” e “atendente”, sempre se referindo ao sexo masculino.<sup>37</sup> Uma busca do uso desta palavra dentro do livro de Provérbios irá revelar, todavia, que

<sup>33</sup> פִּי דַרְכּוֹ

<sup>34</sup> A percepção de que este texto esteja se referindo à criança já foi mencionada há muito tempo, como podemos ver em FENNER, D. *The Arts of Logike and Rethorike* (1584): “Instrua seu filho de acordo com sua capacidade”; BASTINGIUS, J. *An Exposition upon the Catechisme of the Lowe Countryes* (1589): “Instrua uma criança numa profissão que lhe seja pertinente...”; DOWNAME, J. *The Christian Warfare* (1634): “A obrigação dos pais é a de aplicar seus filhos naquilo para o que eles se adéquam.”

<sup>35</sup> Tradução Revista e Atualizada (2ª edição, 1993) de João Ferreira de Almeida.

<sup>36</sup> נֶעַר

<sup>37</sup> KOEHLER e BAUMGARTNER, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. 707.

as circunstâncias com as quais este *naar* se envolve no discurso de Provérbios indicam que a pessoa em questão não seria mais uma criança, no sentido em que costumamos pensar quando lemos este provérbio, mas possivelmente um jovem. Entre os exemplos clássicos encontramos as admoestações feitas ao jovem *naar*; em Provérbios 7.7, contra a mulher adúltera.<sup>38</sup>

É curioso observar que *naar* é geralmente traduzido como “criança” ou “menino” quando o contexto envolve disciplina ou correção.<sup>39</sup> Mas este é um pressuposto que pode estar sendo afetado pelos valores de nossa própria cultura, que adota uma idade limite depois da qual não seria adequado disciplinar um filho com vara. Logo, a opção por “criança” resguarda possíveis diferenças culturais quanto à idade apropriada para corrigir os filhos com vara. Contudo, não há necessidade alguma de traduzir o substantivo *naar* como “criança” por causa do contexto de disciplina ou correção, mesmo porque a própria palavra *musar*, que é traduzida como “disciplina” em Pv 22.15 (“A estultícia está ligada ao coração da *criança*, mas a vara da *disciplina* a afastará dela”), também é traduzida como “instrução” ou “ensino” em outras 19 ocorrências no livro. Entre estas ocorrências estão as exortações iniciais do livro, “Filho meu, ouve o *ensino* de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe” (Pv 1.8). Portanto, se “disciplina” em Provérbios não precisa estar necessariamente relacionada a “correção” ou “castigo”, o leitor fica sem a pressão cultural de querer associar “disciplina” com *criança* em vez de *jovem*.

Talvez um dos usos mais intrigantes de um derivativo de *naar* aconteça em Pv 5.8 “... alegra-te com a mulher da tua *mocidade*”. Deve-se observar que do “moço” *naar*, neste contexto, já era esperado ter um relacionamento afetivo com uma mulher. Considerando as advertências contidas em Provérbios 5 e 7, é bem provável que o nível de envolvimento ao qual o texto esteja se referindo signifique um relacionamento conjugal. É neste contexto que encontramos o famoso poema:

Bebe a água da tua própria cisterna e das correntes do teu poço.  
Derramar-se-iam por fora as tuas fontes, e, pelas praças, os ribeiros de águas?  
Sejam para ti somente e não para os estranhos contigo.  
Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade,  
corça de amores e gazela graciosa.  
Saciem-te os seus seios em todo o tempo;  
e embriaga-te sempre com as suas carícias.<sup>40</sup>

Desta sorte, é bem provável que o texto de Pv 22.6 esteja não apenas se referindo a um “jovem”, mas também ao caminho deste jovem em relação às

<sup>38</sup> Ver Pv 1.4: “... para dar aos simples prudência e aos *jovens* conhecimento e bom siso”.

<sup>39</sup> Ver Pv 22.15; 23.13 e 29.15.

<sup>40</sup> Provérbios 5.15-19, segundo a versão Almeida Revista e Atualizada.

suas escolhas na área de relacionamentos pessoais afetivos com uma pessoa do sexo oposto. Assim, considerando que os primeiros nove capítulos do livro estão direta ou indiretamente relacionados ao tema citado acima, não seria muito esperar que Pv 22.6 estivesse baseado na introdução temática do livro. Da mesma maneira em que a natureza daquilo que é ensinado afetou o significado de *hanak* (ensinar), assim também a natureza das situações com as quais este *naar* (jovem) está envolvido afeta a tradução do texto.

Quais são as implicações de se optar por *jovem* em vez de *criança*? Primeiramente, isso sugere, de maneira consistente, que a tarefa de ensinar este caminho ao jovem não é uma responsabilidade nem um privilégio exclusivo do pai. Isto está claro desde o início do livro, em que a instrução é retratada como vindo tanto do pai como da mãe: “Filho meu, ouve o ensino do teu pai e não deixes a instrução de tua mãe” (Pv 1.8). Dentre as 14 ocorrências da palavra “mãe” em Provérbios, quatro estão diretamente relacionadas à tarefa de ensinar os filhos:

*Filho meu, ouve o ensino de teu pai  
e não deixes a instrução de tua mãe. (1.8)*

*Filho meu, guarda o mandamento de teu pai  
e não deixes a instrução de tua mãe. (6.20)*

*A vara e a disciplina dão sabedoria,  
mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe. (29.15)*

*Palavras do rei Lemuel, de Massá, as quais lhe ensinou sua mãe. (31.1)*

Observe-se especialmente a última ocorrência, onde a sabedoria testemunhada nas palavras do rei Lemuel foi ensinada por sua mãe. A proposta de Provérbios não é a de afirmar a responsabilidade de um prescindindo da do outro, nem de diminuir a responsabilidade de um em detrimento da do outro. A proposta é entender que a responsabilidade e o privilégio de ensinar o jovem no caminho em que ele deve andar são igualmente divididos entre o pai e a mãe. Basta lembrar que Deuteronômio 21.18-20 define “filho contumaz e rebelde” como aquele que “*não dá ouvidos à voz do seu pai e da sua mãe*”. Além disto, era responsabilidade de ambos levar o filho até o portão da cidade e declarar diante dos anciãos a natureza da rebeldia, acrescentando que ele não dava ouvidos à “*nossa*” voz.

Outra implicação tem a ver com o contexto no qual este jovem é ensinado. Segundo a mensagem proposta neste provérbio, a ênfase está sendo colocada no contexto em que a instrução acontece. Daí o texto dizer “ensina o jovem *no* caminho” e não “ensina ao jovem *o* caminho”. A diferença entre “no” e “o” se mostrará considerável. Embora nada haja neste provérbio que menospreze ou condene a evangelização ou instrução de crianças nos caminhos do Senhor, o

seu foco se encontra em outra esfera, a saber, o contexto em que o ensinamento acontece. A dificuldade comumente percebida na leitura deste texto é oriunda de uma tentativa de se entender *hanak* como evangelizar e *caminho* como “evangelho”. Quando isto acontece, a leitura proposta neste parágrafo se torna problemática, pois poderia ser interpretada como se estivesse valorizando mais o *contexto* da educação cristã infantil do que o seu *conteúdo*.

### 3.4 O significado de “seu caminho”

Qual era o *caminho* que Provérbios tinha em mente? Como já havíamos afirmado anteriormente, a expressão encontrada é “na boca do seu caminho”,<sup>41</sup> e não simplesmente “caminho”.<sup>42</sup> Dentro da perspectiva do livro de Provérbios o caminho, e particularmente o caminho de um jovem, está freqüentemente relacionado com as armadilhas e as sutilezas da mulher adúltera ou do caminho dos ímpios em geral. No contexto da mulher adúltera, os caminhos representam as propostas e sugestões libertinas que ela tem a oferecer ao jovem que passa pelo seu caminho. O desafio dos pais que estão ensinando este filho (daí o tom “filho meu”) é tentar mantê-lo longe do caminho desta mulher adúltera. Mas seria este o significado da expressão “*boca do seu caminho*”? Delitzsch interpreta a expressão como “nos moldes do caminho do jovem”, o que significaria dizer:

A instrução do jovem, a educação do jovem, deve ser em conformidade com a natureza do jovem; o conteúdo da instrução, a maneira da instrução, devem ser regulados de acordo com o estágio da vida e suas peculiaridades; o método deve ser elaborado em conformidade com o grau de desenvolvimento mental e físico em que o jovem se encontra.<sup>43</sup>

O grande desafio antecipado na identificação do significado desta expressão é realmente a tarefa de perscrutar o mundo que está sendo preparado para receber nossos filhos na próxima geração, quando não teremos mais a oportunidade e o privilégio de continuar na prática de instruí-los. Waltke está certo em colocar os dois lados da moeda quando afirma tanto a individualidade como a norma existente para que a próxima geração trilhe nela.

<sup>41</sup> על־פי דרכו

<sup>42</sup> Cf. BARUCQ, A. *Le livre des Proverbes*. Sources Bibliques. Paris: J. Gabalda, 1964, traduz esta expressão literalmente: “na entrada do seu caminho”; GARRETT, D. A. *Proverbs*. Shepherd’s Notes. Nashville, Tenn: Broadman & Holman, 1998, traduz como “treine a criança de uma maneira adequada a uma criança”, p. 188; ver também MURPHY, R. E. *Proverbs*, p. 165; KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*. Peabody: Hendrickson, 1989, p. 87; WHYBRAY, R. N. *Wisdom in Proverbs*; The Concept of Wisdom in Proverbs 1-9. *Studies in Biblical Theology*, vol. 45. Naperville, Ill: A.R. Allenson, 1965; PERDUE, L. G. *Proverbs*. Louisville, Ky: John Knox Press, 2000.

<sup>43</sup> KEIL e DELITZSCH, *Proverbs*, p. 86.

A construção excepcionalmente definida “o jovem” pode indicar que ele deve ser avaliado de forma individual, a fim de elaborar pessoalmente a iniciativa moral apropriada. *De acordo com* (lit. “de acordo com a boca de”) se refere àquilo que alguém ou algo dita. Aqui, *seu caminho* dita o rumo dessa dedicação. A natureza e/ou conteúdo moral do “caminho” depende daquele que o possui, seja Deus (Pv 8.22), o sábio (11.5; 14.8; 16.7), os seres humanos em geral (16.9; 20.24) ou os insensatos (19.3).<sup>44</sup>

Diante disto, cabe-nos perguntar: quem ou o que ditará o caminho que o jovem andar no mundo porvir? Considerando a magnitude das possibilidades que podem ou não participar na formação do mundo de amanhã, não é raro encontrarmos aqueles que preferirão, por via das dúvidas, repassar à geração vindoura não somente “o que” receberam de seus pais, mas repassar “da mesma maneira” como receberam. De certa maneira, este é o mesmo trajeto escolhido pelo sacerdote egípcio Any, mencionado no início, a saber, repassar o legado cultural ao seu filho Khonshotep sem aceitar o desafio de sequer fazer uma estimativa do que poderia ser o mundo de seu filho. Ou, para usar as palavras deste provérbio, Any não se deu ao trabalho de conhecer ou entender o “caminho dele [de seu filho]”. É precisamente neste sentido que a mensagem e a relevância de Pv 22.6 sobressai no mundo cultural do Antigo Oriente Próximo, pois o dever de ensinar não prescindiu do desafio de conhecer e entender o caminho do filho.

A abordagem adotada nos primeiros nove capítulos de Provérbios é um exemplo claro de como o autor bíblico aceitou e executou o desafio de entender e prever os principais elementos do caminho em que seu filho iria ter que caminhar. Nesta primeira seção do livro, o autor elabora um fascinante contraste entre os caminhos da mulher adúltera (Pv 5 e 7) e os caminhos da chamada mulher-sabedoria (Pv 8), que igualmente se coloca nas encruzilhadas para conclamar os jovens a atender ao seu chamado e adquirir sabedoria. Em Pv 9 vemos a mulher-sabedoria como aquela que preparou sua casa e se assenta na beira do caminho para convidar aqueles que seguem seus próprios caminhos a voltar-se para ela e vir ter com ela no banquete que foi preparado. Entre estas encruzilhadas que ele antevê, o autor aproveita também para prevenir seu filho sobre o perigo de se tornar escravo pelo endividamento (Pv 6.1-5); o perigo da pobreza oriunda da preguiça (Pv 6.6-11); o perigo da mentira (Pv 6.12-19) e o perigo das “lisonjas da mulher alheia” (Pv 6.24). Observe, então, a maneira

<sup>44</sup> WALTKE, B. K. *The Book of Proverbs. The New International Commentary on the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004. p. 372-374. Outras abordagens do mesmo assunto podem ser encontradas em SCOTT, R. B. Y. *Proverbs and Ecclesiastes*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1965. p. 127; COHEN, A. *Proverbs; Hebrew Text & English Translation. Soncino Books of the Bible*. London: Soncino Press, 1952. p. 146; GARRETT, D. A. *Proverbs. Shepherd's Notes*. Nashville: Broadman & Holman, 1998. p. 187. PERDUE, L. G. *Proverbs. Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Louisville, Ky: John Knox Press, 2000. p. 234.

como o autor de Provérbios tenta discernir e antecipar os principais desafios e pontos decisivos no caminho de seu filho, desafiando-o e encorajando-o a ouvir o clamor da mulher-sabedoria, que é uma personagem na narrativa que representa a sabedoria de Deus.

Em muitos aspectos, aquilo que ele consegue discernir e antecipar reflete o que ele mesmo enfrentou enquanto trilhava o “seu caminho”, mas este não é sempre o caso. Quando nos lembramos do perfil do autor que nos fala (Salomão), é bem provável que ele esteja ensinando e advertindo seu filho a respeito de escolhas e decisões que ele deveria ter feito e não fez. Seus erros, seus pecados, suas más escolhas e decisões não lhe furtaram o desejo de entender e antecipar o caminho do seu filho nem o impediram de fazer a distinção entre o seu caminho e o caminho do seu filho. Neste caso, então, o simples repasse das experiências dos pais para os filhos teria sido um desastre. Nisto encontramos a supremacia de Provérbios em relação às instruções de Any. Antes de despejar todo o legado cultural da literatura sapiencial contido a partir do capítulo 10, o autor dedica nove capítulos iniciais para conquistar a confiança e o interesse daquele que o ouve. Como disse Waltke, houve um interesse em definir e ilustrar aquilo que possivelmente ditaria o caminho do jovem.

### 3.5 O significado de “desviar”

Cada vez mais, a garantia de que os filhos irão permanecer nos caminhos ensinados por seus pais agrega imediatamente toda sorte de temores e incertezas, não somente de que eles poderão “se desviar”, mas também, e isto seria bem pior, de que “se voltarão contra” tais caminhos com o intuito de contestá-los. O termo *sur*,<sup>45</sup> traduzido neste provérbio como “desviar”, não apresenta qualquer peculiaridade que justifique a associação deste ato de desviar com apostasia ou rebeldia contra o cristianismo. A celeuma toda se constrói a partir da falsa expectativa de que este provérbio esteja vinculando uma promessa de perseverança espiritual de nossos filhos à nossa responsabilidade de instruí-los.

Todavia, como foi mencionado anteriormente, este provérbio não está associando “ensinar” com “evangelizar” e nem mesmo “desviar” com “apostatatar”; essas associações são fruto do uso que tem sido feito deste texto por décadas. Dizer que este texto não traz uma promessa de perseverança espiritual de nossos filhos não significa dizer que não exista qualquer promessa e esperança da perseverança espiritual de nossos filhos. Existem muitas! Mas não neste texto. O abuso deste provérbio tem levado muitos líderes a uma postura crítica em relação aos pais cujos filhos “se desviaram da fé”.

Qual seria, então, o significado de *desviar*? Dentro do contexto de Provérbios, o ato de não desviar-se é visto na verdade como a virtude de se man-

<sup>45</sup> סור

ter fora do alcance dos laços de morte e perigos preparados pelos iníquos.<sup>46</sup> Ainda que não seja impossível aplicarmos o sentido de “não se desviar” para a perseverança de alguém naquilo em que foi instruído no Evangelho, não podemos nos esquecer de que o propósito original estava mais relacionado com o contexto de sedução moral engendrada pela mulher adúltera.

É animador chegar ao final do livro e encontrar o testemunho de pelo menos um filho que, de fato, ouviu as palavras que lhe foram ensinadas – as palavras do rei Lemuel, que lhe foram ensinadas por sua mãe. É curioso observar neste contexto que Lemuel ilustra bem a arena literária dentro da qual Provérbios está inserido. A participação de Lemuel no livro de Provérbios exemplifica a propagação e a influência da literatura sapiencial nas culturas vizinhas a Israel.

### CONCLUSÃO

Tendo dito isto, cabe-nos perguntar: Qual é o mundo em que nossos filhos viverão? Qual é o caminho que certamente terão que trilhar? Quais são as perguntas que certamente terão que responder? De acordo com um levantamento do IBGE descrevendo o perfil da sociedade brasileira nos últimos 40 anos,<sup>47</sup> alguns prognósticos acerca do caminho em que nossos filhos irão andar apontam para situações inevitáveis.

O primeiro prognóstico aponta para o envelhecimento da população. Em 1967, 72% da população eram compostos de pessoas com até 24 anos de idade. Em 2006, a mesma fatia da população atingiu somente o total de 45%, ou seja, 55% da população de nosso país tinha mais de 24 anos. Mais importante do que os coeficientes atuais são as variáveis que contribuíram para este cenário. A taxa de fecundidade decresceu de 6,3 filhos por casal em 1967 para apenas 2 filhos em 2006, enquanto que a expectativa de vida aumentou de 52 anos para 72,4, no mesmo período. E, para tornar este cenário ainda mais complicado, a população do Brasil passou de 90 milhões, em 1967, para 190 milhões em 2006.<sup>48</sup> Tudo isto para dizer algo muito simples: o mundo em que nossos pais viveram não é mais o mesmo em que nós vivemos, muito menos o mundo em que nossos filhos viverão. Estes provavelmente viverão numa sociedade predominantemente adulta, uma sociedade cujos problemas e desafios terão a ver com as ansiedades e desilusões de adultos e não mais de adolescentes ou jovens. Os jovens que hoje se amontoam cambaleantes nos bares em busca de uma experiência existencial ou sexual, seja por meio das drogas, da promiscuidade ou até mesmo de um relacionamento homossexual, são aqueles

<sup>46</sup> WALTKE, *Proverbs*, p. 271.

<sup>47</sup> 1967-2007 A construção de um país moderno. *Exame*. São Paulo, n. 19, out. 2007. Edição especial de 40 anos.

<sup>48</sup> LUZ, S. L. O velho Brasil virou pó: mudança de perfil. *Ibid.*, p. 36-37.

que irão levantar-se contra nossos filhos e netos exigindo deles, talvez, uma explicação convincente sobre seu comportamento e sua “opção sexual”. Sim, é bem provável que em poucas décadas nossos filhos terão que defender o direito de manter a identidade sexual com a qual nasceram; defender a liberdade de não precisar trocá-la, alterná-la ou mesclá-la com o sexo oposto. É isto que Provérbios define como *caminhos que pertencem a eles apenas*.

O segundo prognóstico resultante de uma sociedade predominantemente adulta aponta para o endividamento da população. O Brasil é um país *recém urbanizado* e, por este motivo, continuará caindo na armadilha predatória do consumismo por várias décadas. Segundo dados estatísticos da ONU, 55% da população brasileira em 1960 estavam radicados na zona rural; em 2005 a parcela da população aglomerada nas zonas urbanas já atingia os 84%.<sup>49</sup> Isto significa dizer que nos últimos quarenta anos a população brasileira veio para a cidade e, inevitavelmente, encontra-se maravilhada e boquiaberta com as *novidades da cidade*. Nossos filhos terão que pagar, de alguma maneira, as conseqüências do pecado da avareza e do consumismo nos quais temos caído em nossos dias. Nossos filhos terão que sobreviver em um mundo endividado, doente, poluído, violento e superpovoado, graças à falta de um planejamento de vida que leve em conta a próxima geração. De que maneira o Deus das Escrituras, que fala através delas, nos tem alertado e preparado para todos estes males? De que maneira nossa longa história de *ouvir e proclamar* a vontade de Deus tem sido destilada em “gotas de sabedoria” sobre nossos filhos, e os filhos de nossos filhos? É isto que Provérbios nos desafia a fazer quando diz: consagrai o jovem no seu caminho. Grande parte da perspectiva que adotamos na vida é ditada pela visão daqueles que fizeram o favor de nos apresentar o mundo em que viveremos.

O terceiro prognóstico ainda resultante de uma população adulta e consumista aponta para o crescimento da indústria da pornografia, especialmente com o advento do comércio virtual. A questão toda não é sobre qual geração cederá mais à indústria pornográfica, se a nossa ou a de nossos filhos. Precisamos ser honestos em nossa avaliação. A questão se resume basicamente nesta perigosa e inevitável mistura: uma sociedade predominantemente adulta, consumista, vivendo em centros urbanos. Ainda que nossos pais tenham enfrentado cada um destes elementos em diferentes circunstâncias e épocas, nossos filhos terão que lidar com todos eles em todo lugar e em todo tempo. É isso que faz da expressão *seu caminho* algo da maior importância para nossa reflexão.

Em resumo, a grande contribuição do livro de Provérbios para o seu contexto original e também para o nosso atual pode ser resumido em uma única palavra, uma palavra que define bem aquilo de que depende todo o sucesso

<sup>49</sup> VASCONCELOS, E.; ANTUNES, L.; OLIVEIRA, M.; OKITA, N.; GIANINI, T. A explosão urbana. *Ibid.*, p. 40-41.

da instrução da próxima geração, uma palavra que resume o conflito entre as gerações, conflito este exemplificado nas *Instruções de Any* e também em nossa própria experiência, uma palavra que é repetida trinta vezes<sup>50</sup> em Provérbios: “*Ouve!*” O abismo entre as gerações cresce na mesma proporção da recusa de nossos filhos em ouvir nossa instrução. Este era o impasse da sociedade egípcia nos dias de Any e Khonshotep, este era o problema na sociedade de Israel nos dias do Antigo Testamento e este continua sendo o impasse de sucessivas gerações na história da humanidade – nossos filhos se recusam a nos ouvir. Mas a contribuição oferecida pela Palavra de Deus em Provérbios não pode passar despercebida. Antes de iniciar a lista de provérbios que catalogavam a sabedoria divina que deveria ser passada à geração vindoura, o livro de Provérbios dedicou os nove capítulos iniciais para entender e mensurar o mundo em que o filho iria viver. Ao fazer isto, ele declara inaugurada e consagrada a caminhada do jovem em seu caminho.

#### ABSTRACT

This article aims at a fresh proposal for reading Proverbs 22.6, taking into account the original purpose of the book in the Ancient Near East literary world. In general terms, this proposal builds upon a few premises that have not been considered by Christian educators, when they discuss and suggest the way one ought to go about nurturing children in a Christian-oriented worldview. The premises are: a) the concept of “to instruct” communicated in this proverb in light of the ANE, b) the age of the person defined as “child”, c) the meaning of “the way he should go”, and d) its implications for our understanding of *instruction*.

#### KEYWORDS

Wisdom literature; Book of Proverbs; Proverbs 22:6.

<sup>50</sup> Ver Provérbios 1.5, 8, 33; 4.1, 10; 5.7, 13; 7.24; 8.6, 32ss; 12.15; 13.1, 8; 15.29, 31s; 18.13; 19.20, 27; 20.12; 21.28; 22.17; 23.19, 22; 25.10, 12; 28.9; 29.24.

